A degradação humana na obra *O Tocador de Charamela,* de Erasmo Linhares.[1]

Angélio Nunes de Lima[2]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a temática da degradação humana presente no conto *O Tocador de Charamela*, conto este que também dá título à obra de Erasmo Linhares aqui eleita como objeto de análise. O fator "modernidade" servirá de elo para desencadear as análises sobre a condição humana, e a crítica sociológica será utilizada como ferramenta para diagnosticar o modo como os homens se inserem e se articulam socialmente no tempo e no espaço. O personagem principal da narrativa em foco será aqui denominado "herói problemático", fruto do advento da modernidade e da luta de classes, que leva os homens ao descontrole da aspiração pela ascensão social e capitalista, a ponto de fazê-los degradante em uma sociedade tomada pela inversão de valores, tornando-os assim, marginalizados. Para o desenvolvimento desta análise, que se caracteriza como de cunho teórico analítico, buscamos embasamento teórico em autores como Cândido (1972, 1992, 2006), Goldmann (1976), Silva (2003), Souza (2009), Kothe (1987), entre outros.

Palavras-chave: Modernidade – Degradação – Herói Problemático.

Abstract: (após a correção eu traduzirei)
Key-words: Modernity - Degradation - Problematic Hero.

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação do professor José Amarino Maciel de Brito, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmico finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.

Introdução

A condição humana na literatura mundial tornou-se alvo de vários trabalhos e pesquisas. A crítica sociológica apropriou-se desta temática para fazer refletir sobre as causas das mazelas das grandes metrópoles, principiada em decorrência das lutas de classes e o apagamento do indivíduo proletário, aquele que recebe apenas uma insignificante parte da rentabilidade totalizada do capitalismo.

Para mostrar o homem, bem como seus dilemas, a literatura mundial, a partir do século XIX, expõe a figura tipológica denominada de "herói problemático". Este herói, em sua nomenclatura, representa aqueles indivíduos que vivem em constante busca pelo prestígio social, ou ao menos conseguir assegurar uma rentabilidade que garanta suprir suas necessidades básicas, como vestimenta, alimento e casa. Ele também representa aquele moldam a sua conduta em uma anomalia em detrimento da submersão da mais profunda e solitária vida frustrada, fruto de várias quedas e deslizes por não conseguir ascender socialmente.

Assim, neste trabalho, a análise sociológica torna-se de fundamental importância por exercer a função de matéria para um estudo que busca analisar a junção da realidade social com a literalidade, que produz seu devido fim, sendo a principal, proporcionar uma leitura de mundo mais aproximado com o contexto que se insere determinado momento histórico.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar um conto da obra *O Tocador de Charamela*, do autor amazonense Erasmo Linhares, sendo este o conto que também dá título à obra, composta por uma coletânea de quinze contos publicada no ano de 1979[3].

A narrativa em análise vislumbrará a condição humana degradante em detrimento da busca pelo valor remuneratório digno de suprir as necessidades básicas em meio à modernidade, fator este que se caracterizará como principal desencadeador dos diversos episódios que influenciarão na (des)construção do indivíduo degradante na narrativa de Erasmo Linhares, que será caracterizado em nossa análise como "herói problemático", como nos termos de Lukács (2000). Nesta óptica a degradação humana, bem como os dilemas por ela decorrentes, serão a temática central deste estudo. Portanto, esta análise,

---

[3] Neste trabalho estaremos utilizando a 2ª edição publicada em 1995 pela UA (Universidade do Amazonas).

que terá como base a pesquisa bibliográfica, buscaremos embasamento teórico em autores como: GOLDMANN (1976), CÂNDIDO (2006, 1972, 1992), SILVA (2003), KOTHE (1987) entre outros.

1. A literatura enquanto representação histórica sócio-cultural

A literatura é ponto de referência do momento histórico vivenciado pela sociedade, que situa-se de modo interno e externo ante aos acontecimentos e momentos da coletividade social. Dentro das constantes explicações e analogias dos posicionamentos que toma a literatura na área social, ou seja, no turbilhão de acontecimentos cometidos através das relações sociais, política, religiosa, assim como a própria pragmática de vida dos indivíduos, a literatura exprime o momento estético e o ideológico no qual o ser humano encontra-se inserido.

O momento vivenciado pela sociedade se faz refletir, através do movimento estético por meio dos artistas e escritores que, de modo paralelo focalizam e manifestam através "do engenho e da arte" suas próprias reflexões sociais e existenciais que norteiam o pensamento ideológico, fazendo culminar na apropriação da produção ao mesmo tempo criativa e de cunho crítico e questionador da realidade. Em outros momentos a literatura funcionará de maneira, às vezes, intencional, no tocante a chamar a atenção do leitor para determinados questionamentos, ou determinadas situações, podendo ser de modo subliminar ou mesmo explicito, como nos afirma Candido: "Em todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós." (CÂNDIDO, 2006).

A relação entre a literatura e a sociedade forma uma caracterização do ideal realístico. As narrativas embasando o contexto social vivenciado por uma comunidade torna-se compatível com dilemas e problemáticas existentes neste contexto, daí a narrativa transcende o imaginário passando a interagir com o leitor em uma esfera mais realística, como nos aponta Antônio Candido:

> [...] a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando

> uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (CANDIDO, 1972. p. 61).

A análise literária se estabelece como uma ferramenta de investigação com diversas variantes, sendo a linha sociológica uma delas. Dentre estas variantes e temáticas, seus posicionamentos são reflexos do contexto vivenciado socialmente, daí surge inúmeras oportunidades de se analisar uma obra a partir da representação histórica e social na qual se contextualizam com uma determinada realidade.

Alfredo Bosi (2002) norteia em seu discurso a evidência de que os escritores mergulham na gama dos aspectos que oferece a sociedade, os valores morais e as tomadas de posições, uma vez que o produto literário terá uma apresentação do contexto social.

A técnica da narrativa é dotada de liberdade e concepções que ficam a disposição do autor, numa esfera composta por inferência do meio social para formular uma interação com o leitor, a ponto de fazer com que este visualize o que se passa a seu redor, como nos afirma Bosi.

> O narrador cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia da resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio. (BOSI, 2002, p.121).

A natureza da literatura é mais abrangente do que se possa defini-la de modo cabal. A literatura compreendeu e fora compreendida a seu tempo, foi refletida portanto, como uma espécie de exercício ligada a continuação da leitura do passado, ou do presente. De forma que, a literatura é uma manifestação criativa que concebe, ou concebeu um povo, ou indivíduo, a vivência através de palavras, isso sob um ideal e propriamente direcionado há um certo tempo e contexto.

Lucien Goldmann, na obra *Sociologia do romance* (1967), cita algumas análises de Lukács e de Girard, nas quais ressalta a ausência de uma preocupação em relacionar a forma romanesca com a sociologia. No entanto Goldmann afirma que numa literatura romanesca existe uma relação entre realidade social, e seria inconcebível a desvinculação da obra sem o contexto social. Segundo Goldmann uma obra literária caracteriza-se como:

> A história de uma pesquisa de valores autênticos de um modo degradado, numa sociedade degradada, degradação que, no tocante ao herói, manifesta-se principalmente pela mediatização, pela redução de valores autênticos ao nível implícito e ao seu desaparecimento enquanto se apresentem como realidades manifestas. (GOLDMANN, 1976, p.15).

A maioria das narrativas romanescas tem como características a alusão de diferentes experiências formuladas pelas relações sociais, dessa maneira, a literatura passa a ser uma manifestação cultural, uma vez que a sociedade com suas peculiaridades interagem com a escrita, e vise versa, nesse processo de articulação ela passa a ser um sistema vivo, que, segundo Robson Santos, "[...] justificam-se e se sustentam na medida em que a criação envolve múltiplos elementos sociais, psicológicos, linguísticos etc., interligados sob as teias do discurso." (SANTOS, 2008, p. 9). Sendo assim, a narrativa contextualizada com a sociedade, fará uma imersão nas características peculiares do cotidiano, por isso é um sistema vivo, pois a medida que contempla a literalidade esteticista e ideológica, abrange um olhar reflexivo ante aos acontecimentos sociais.

É de praxe a literatura apresentar em sua narrativa um personagem protagonista que materializa o significado que se almeja dentro de uma obra. Este ser (homem ou mulher) se configura pela literatura como herói, um indivíduo que traz intrinsecamente os ideais, os anseios e a crítica de um autor, ou mesmo de uma sociedade, em um dado momento. Nesse sentido é importante discorrer sobre os tipos de herói na passagem dos tempos dentro da literatura.

2. A Representação do Herói na Literatura

A primeira imagem que nos vem à mente ao pensar em um herói é, geralmente, um ser romantizado, idealizado e, muitas vezes, perfeito. É comum até imaginá-lo com uma roupagem poderosa, inerente ao super-herói apresentado pela mídia. Esta imagem de herói foi sendo construída em nosso imaginário deste os primeiros escritos literários, advindo da literatura grega, em que até os defeitos dos heróis eram transfigurados em qualidades. Com relação a isto, Kothe (1987) assegura que o herói resplandece em sua grandeza e mesmo suas "baixezas" o eleva.

A literatura apresenta alguns tipos de representação do herói, sendo estes indispensáveis à imaginação do autor e leitor. Nessa óptica há termos citados por Kothe para explicar os tipos de herói, tais como o *baixo*, ao se referir àqueles que são inferiores socialmente, e o *alto* referente aos da alta sociedade, os que possuem maior rentabilidade e prestígio social. (Kothe, 1987).

O herói Épico, por exemplo, é representado por sua baixeza, a decadência que o torna maior, transformando sempre a sua derrota como flamejante, como afirma Kothe (1987) "à medida que o herói épico decai em sua "epicidade", ele tende a crescer em sua "humanidade" e nas simpatias do leitor/expectador" (p. 14). Bem em comum temos o herói trágico, que contorna seu descimento pela ascensão. Sendo que, o herói épico é mais acentuação pela sua elevação, e quanto ao herói trágico só resplandece na sua queda, visto que ele pertence à classe alta e luta em evidência ao seu erro, contrariando seu destino, e é no decorrer de sua luta que o leva ao objetivo final de sua grandeza, ou seja, seu sucesso se dá pela sua desgraça em decorrência da tragédia. (Kothe, 1987).

Já o herói Pícaro é aquele que sempre tenta levar vantagem em tudo, é tapeador quanto ao benefício próprio. Ele quer sempre ganhar, mas com trapaça, com esperteza quer mais vantagens lucrativas sem muito esforço, este tipo de herói apresenta-se como baixo. Trata-se de herói sem ocupação social definível, o herói pícaro é construído em decorrência de sua humilde condição social, que subsiste devido as fraudes, malandragens e acima de tudo deslealdade. (Kothe, 1987).

E por fim, eis o herói problemático, que na literatura é abordado através das probabilidades de desenvolvimento do indivíduo em meio ao mundo capitalista, no qual o dinheiro e o prestígio social impulsionará uma busca desenfreada e inescrupulosa do indivíduo em busca da ascensão social, o que resultará no apagamento da autenticidade humana e existencial, e é nesse contexto que o processo de degradação se instaura, no sentido de que nem todos terão a possibilidade de alcançar a posição almejada, como afirma Lucien Goldmann:

> [...] todos os dias, uma vez são obrigados a procurar toda a qualidade todo o valor de uso, de um modo degradado, pela mediação da quantidade, do valor de troca, e isso numa sociedade onde todo o esforço para orientar diretamente no sentido do valor de uso não teria outro resultado senão engendrar indivíduos também degradados [...] (GOLDMANN, 1967, p.18).

Georg Lukács (2000) é quem propõem o conceito do *herói problemático*. Este termo é denominado aos personagens que surgiram na literatura mundial em meio a passagens do sistema capitalista de comercio e troca, posteriormente a revolução industrial se transformar no capitalismo de posses, ou seja, dos monopólios.

O *herói problemático* surge no instante em que o valor existencial do homem passa a ser resultado da expressividade ante aos padrões estabelecidos pela busca desenfreada do valor de posse, desta forma, o que apontará a existência significativa do indivíduo no âmbito social será a quantidade de suas possessões materiais. Assim os valores autênticos do ser humano passam a ser degradados em uma sociedade que também é degradada devido à inversão de valores. (GOLDMANN, 1967).

É através do pensamento capitalista, advindo da sociedade industrializada e moderna, que são difundidas nas narrativas contemporâneas, textos que expõem a representação do ser humano em conflito com "seu eu", numa sociedade em constante transformação, na qual ele, muitas vezes não consegue se firmar, torna-se, assim, um ser deslocado e decadante.

No início da formação das classes sociais, quando o homem tinha apenas necessidades básicas, como moradia, alimentação e vestimenta, por exemplo, ele mesmo as fabricava. Hoje isso já não é mais possível, existe todo um sistema capitalista e monetário que impera sobre os desejos humanos, que se sobressai a todas as suas outras necessidades, como nos afirma Goldmann, "Agora a seus olhos, tais objetos não passam de um mal necessário para obter a única coisa que lhe interessa, um valor de troca suficiente para assegurar a rentabilidade." (GOLDEMANN, 1967, p 17). É nesse aspecto que o produto degradante social, no caso o indivíduo marginalizado teve sua vida transformada em um produto degradado.

3. A condição humana na Literatura Amazônica.

Com muito entusiasmo, os primeiros escritos da fantástica terra foram produzidos com uma verdadeira surpresa humana, na verdade os cronistas das primeiras expedições estavam descreviam o incontestável sentimento que todos, ao ver a exuberância das terras Amazônicas, possivelmente poderiam descrever.

A Amazônia descrita por Carvajal, cronista pertencente a primera expedição a visitar a Amazônia (1540-1542), mostra uma terra e sua geografia com um aspecto

encantador e ao mesmo tempo sombrio, é o que conhecemos como *Endemismo*[4] *e Infernismo*[5], o lindo e o assustador. Os relatos eram prioritariamente acerca da geografia local, porém o magnífico mundo perdido o levou ao êxtase. Foi através destes relatos que possibilitariam um gênesis daquilo que fundamentaria como expressão da literatura amazônica, ou o que permitiria mostrar ao mundo o rico território que desataria os mais variados estudos, como disse Marcio Souza em sua obra *A expressão amazonense* (2003)*:*

> [...] Foram esses relatos que serviram de, posteriormente, em grande parte, na orientação, classificação e interpretação da região como literatura e ciência; foram eles, perscrutadores do fantástico e do maravilhoso que permitiram o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiando uma futura expressão de representar o enigma regional numa peculiar escrita. A Amazônia abria-se aos olhos do Ocidente com seus rios enormes como dantes nunca vistos e a selva pela primeira vez, deixando-se envolver. (p. 59)

A Amazônia conquistou destaque e citações em diversas obras de renome da literatura brasileira, como por exemplo, *Macunaíma* de Mario de Andrade, *A Selva* de Ferreira de Castro, entre outros, porém para Jorge Tufic (1982) a história da literatura amazonense ainda estar por ser descoberta, obviamente que não desprezando todas as letras que aqui foram inteiradas a respeito da cultura, exuberância da terra, as curiosidades locais, mas, o que o autor e crítico especula é a identidade específica do que poderia se estabelecer como um verdadeiro estudo de "uma literatura amazonense".

Para Tufic a indagação está na impossibilidade da desvinculação do estado do Amazonas dos estados do Pará, Acre e Rondônia, já que esses também participaram da construção literária amazônica. Suas obras literárias também foram pautadas similarmente na existência e reconhecimento como território e a criação de suas economias, ou seja, é impossível falar de uma literatura amazonense sem anexá-la aos estados do Pará, Acre e os demais estados da Amazônia, deste modo:

> A história da literatura amazonense ainda não foi escrita. [...] A própria história do Amazonas tem sido apenas uma transcrição de fatos políticos, administrativos e econômicos, carente portanto de uma

---

[4] Endemismo é o termo usado para inferir o sentimento de prosperidade e exuberância da terra amazônica. Acreditava-se que esta terra era o *Edem* descrito pela bíblia sagrada, devido as grandes riquezas de água doce, fauna, flora e riquezas minerais.

[5]Infernismo é o termo usado para as mazelas imposta pelo clima na selva, bem como, as doenças tropicais, as pragas de mosquitos, ataque de feras e a solidão.

> análise fundamentada capaz de possibilitar uma visão que substitua a cronologia pura e simples pelo estudo das causas e dos efeitos que determinaram os ciclos produtivos da região, e de como estes influíram no desenvolvimento das letras e das artes. (TUFIC, 1982, p.11).

As abordagens como fonte literária acerca da Amazônia variavam entre referências e reconhecimentos da fauna e flora, a exploração da terra, conquista e submissão dos povos indígenas ao redil dos colonizadores e diários de viagens. Outro conceito que também ganhou destaque na literatura foi "o realismo e naturalismo que se manifestou com *O Cacaulista* (1876), de Inglês de Souza, que publica a seguir *História de um pescador* (1877)*; O Coronel Sangrado* (1891) e *Contos Amazônicos* (1893)". (TUFIC, 1982, p16).

A obra de Alberto Rangel *Inferno Verde* (1908) foi uma espécie de registro dos acontecimentos no amazonas, o próprio plano de fundo é estruturado pela paisagem e a materialização do que há de infernismo em um período que dá ênfase ao ciclo da borracha, que é sem dúvida o ponto de embarque para as construções literárias amazonenses.

Os históricos ciclos da borracha se deram em dois momentos, em 1879 a 1912 foi o primeiro auge, e nos anos de 1942-1945 marca o segundo apogeu ou segundo cilo da borracha. O período é marcado pela grande expansão econômica no Brasil, sendo este o mais signifativo momento de expanção da produção do látex na Amazônia. Decorrente deste acontecimento fez com que originasse a histórica migração de nordestinos, entre outros, de diversas partes do Brasil e de outras nações para a Amazônia no intuito de enriquecer com a extração do *látex*[6] das seringueiras, ou também, alguns terem pela primeira vez o tão sonhado lote de terra.

> A verdade é que para cá vieram brasileiros de todos os quadrantes do país, desde Óbidos no Pará ao Rio Grande do Sul, e americanos filhos das repúblicas vizinhas, europeus e asiáticos. [...] As estatísticas da época provam que a Amazônia recebeu gente de toda a parte do mundo, gente em quantidade apreciável. (MONTEIRO, 1998, p.140)

No Brasil, a região com maior destaque em migração foi o Nordeste. Grande quantidade de homens que na esperança de uma vida melhor, deixaram de suas terras e

---

[6] É uma espécie de leite espesso quase sempre esbranquiçado extraído da seringueira que, após a exposição à fumaça, forma a goma que dá origem à borracha.

suas famílias para conquistar algo melhor. O objetivo de todos era ir a Amazônia em busca do rico leite que emanava do seio da floresta, assim como as outras riquezas que eram abundantes na mística região verde, que lá do nordeste já se ouvia falar do *El dorado*[7], lenda essa que encantava os incautos.

Ao chegarem à Amazônia, os homens se deparavam com o engano que era publicado nos outros extremos brasileiros. Encontravam a realidade sombria, mortal e irrevogável, onde a floresta e seu sistema ditador é quem imperava com ríspida aspereza, eram impostas condições miseráveis, a ponto de que pelo alimento ficariam endividados e consequentemente condicionados a permanecerem na floresta para sempre.

Euclides da Cunha em sua obra *Às margens da História* imprime a condição humana na selva:

> [...] Aditem-se cerca de 800$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tijelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina *Winchester*) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1:135$000. Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha-d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isso lhe custa cerca de 750$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, é já tem o compromisso sério de 2:090$000 (CUNHA, 1999. p.13).

As condições eram impostas pelo seringalista, também conhecido como o Patrão da borracha, um burguês ditador que se fortificava a custa do trabalho escravo, que por ele era imposto aos seringueiros. Não havia uma boa relação entre patrão e empregado, na verdade tudo funcionava em um campo ditatorial, não dando chance ao desfavorecido, não havia reconhecimento pelo trabalho, ou ajuda nos momentos de doenças, até mesmo em detrimento da morte causada por feras ou ataque dos índios.

---

[7] Falava-se que na região amazônida havia uma grande região intacta repleta de ouro puro maciço e cheia de toda sorte de pedras preciosas, que era guardada por um exército de mulheres guerreiras (as amazonas).

> [...] Ele era o patrão, o dono e senhor de seus absolutos domínios, um misto senhor de engenho e aventureiro vitoriano. Havia por isso discrepância em sua atitude: era o cavaleiro citadino em Belém ou Manaus e o patriarca feudal no seringal. (SOUZA, 2009, p. 265).

Não bastava a agravante situação regida pelas más condições de trabalho, os seringueiros quase em sua maioria não tinha a companhia feminina, culminando em total desespero em todos os sentidos, como mostra Mário Monteiro Ypiranga (1998):

> O solitarismo tira do homem boa porcentagem do sentimento de liberdade, condiciona-o ao sofrimento moral que gera o inconformismo, a descrença da simpatia dos homens e até a dúvida de caráter espiritual. Esse desequilíbrio ativa a preocupação pelos confrontos. Os confrontos são desníveis sociais, sobre que paira uma espécie de revolta surda. Isto para não sublinhar os problemas fisiológicos acumulados de outras tensões e complexos, além dos vícios ordinários, contra a natureza, o apelo alucinante ao sexo, [...]. (p. 135).

Não durou muito para o desmoronamento da economia do ciclo da borracha. Os ingleses quando vieram na Amazônia levaram grande quantidade de sementes de seringueiras para ser cultivado no continente Asiático, o que resultou na auto sustentabilidade em produção. Anos depois, o investimento da heveicultura[8] na Amazônia não foi páreo para manter-se firme, visto que o custo do látex na Ásia era mais barato do que na Amazônia, e ainda havia uma exorbitante interiorização quanto à quantidade do produto que era colhida, em comparação ao que era extraído na Ásia.

A decadência do ciclo da borracha fez com que grande parte dos seringueiros e suas famílias migrassem para as capitais do Pará e Amazonas, e outros para suas terras de origem. Obviamente que, devido à grande decadência na qual viviam no interior, não possibilitou a alguns saírem dos seringais, outros por sua vez, de modo humilhante e desafiador, conseguiram chegar à capital sem nenhuma perspectiva de vida, como descrito na citação de Márcio Souza na obra *História da Amazônia*.

> A Amazônia transitava entre a solidão dos abandonos e as raras manifestações de caridade populacional e o índice de liquidez caiu praticamente a zero. A massa rural regredia para o sistema de trabalho de subsistência e para o regime de troca. A desolação era completa. Os que permaneceram no vale depois do desastre foram obrigados a resistir com todas as forças. [...] a cidade de Itaquatiara encolheu de

[8] Modo de cultivo da seringueira que abrange as técnicas utilizadas para a ampliação de produção do látex.

> dois mil habitantes para trezentos abandonados. (SOUZA, 2009, p. 313-314).

Manaus nesse contexto funcionava como porto de desembarque para o grande exército de homens e mulheres que chegaram do interior para tentar a subsistência de suas famílias, tendo que morar nas áreas longínquas do centro da cidade, muitos destes morando sem a mínima condição básica para a sobrevivência.

Com o intuito de assegurar o território e tentar suscitar a economia, "em 1966, seguindo a lógica de argumentos geopolíticos, os militares e seus tecnocratas decidiram ocupar e integrar a região amazônica". (SOUZA, 2009, p.328). A "Operação Amazônia" nome do plano de implementação da indústria e agropecuária na região amazônica, bem como a integração da região com as demais áreas do país, fez com que a Amazônia, em especial o estado do Amazonas, pudesse desprender-se notoriamente das mazelas impregnada no estado, ocasionada pela queda da economia gutífera.

Em 1967 Manaus implanta a Zona Franca, assim instalaram-se indústrias de vários seguimentos e tecnologias, fazendo de Manaus um celeiro de mão de obra, com promessa de emprego de até 40 mil pessoas inicialmente.

> Eram indústrias que tudo trouxeram de fora, da tecnologia ao capital majoritário, e que do Amazonas somente aproveitaram a mão de obra barata e os privilégios institucionais. Com essa estrutura industrial altamente artificial [...]. A promessa de quarenta mil empregos não se cumpriram mas ajudou a provocar uma explosão demográfica em Manaus. De aproximadamente de cento e cinquenta mil habitantes em 1968, a cidade pulou para seiscentos mil em 1975. (SOUZA, 2009, p. 337).

Devido não ter sido materializado e posto em prática o plano de economia, Manaus superfatura seu índice populacional. O número de mão de obra era maior do que a oferta de serviços o que resultou numa completa discrepância na distribuição de renda e emprego, e fez de grande parte da população um aglomerado de desempregados, somados com o número de "migrantes em busca de novas oportunidades, transformou a cidade de Manaus num inferno. Especialmente porque tal demanda chegava num momento em que a estrutura da cidade estava decadente". (SOUZA, 2009, p. 338). Os que conseguiram empregos foram pouquíssimos, e estes trabalhos eram sempre vinculados a um serviço de baixa remuneração.

Diante desses fatos, esse trabalho propõe uma análise do personagem principal do conto *O tocador de Charamela* que, contextualizado na cidade de Manaus durante o

período do pós-ciclo da borracha, tematiza-se a condição degradante na qual o homem se inseri ante a modernidade capitalista que se instaura nas cidades de Manaus após a derrocada do ciclo da borracha na região.

4. Erasmo Linhares e a obra O tocador de charamela

Erasmo do Amaral Linhares nasceu em 02 de junho 1934 no município de Coari no Amazonas. Formado em Comunicação Social pela Universidade do Amazonas, e por 40 anos trabalhou como diretor artístico da Rádio Rio Mar.

Iniciou sua carreira literária escrevendo crônicas de cunho político e econômica, que eram recitadas por ele diariamente pela Rádio Rio Mar. Em 1979 publicou pela primeira vez o Livro de contos intitulado *O Tocador de Charamela,* e sua segunda edição foi publicado em 1995 pela (UA) Universidade do Amazonas.

Uma característica peculiar de Erasmo era a matéria atualizada e inferida por ele acerca dos emblemas advindos da sociedade. Como homem de rádio, Erasmo Linhares abalava as estruturas ideológicas impostas pelo governo constituinte, também elucidava a comunidade urbana para fazer cumprir seus direitos e dava voz aos interioranos e ribeirinhos que se situavam tão longe, porém mais longe ainda estavam da dignidade e do reconhecimento dos poderes públicos.

Adjetivado como *Homem do Rádio,* Erasmo Linhares era um crítico e lúdico apresentador, cuja fala ainda ecoa firmada em uma temática ainda presente na atualidade, é o que se pode chamar de contexto sócio-econômico-cultural e valorização da vida, a qual fazia parte prioritariamente em sua rotina no rádio, e externada através de suas crônicas.

Erasmo Linhares buscou com o livro *O Tocador de Charamela* a autenticidade da linguagem local, as experiências de vidas dos remanescentes amazônidas. A figura típica formulada através das relações de índios, caboclos, retirantes nordestinos, entre outros que para cá vieram, e fez desta mistura de raças, um povo que surpreende e encanta a todos.

Membro do clube da madrugada, movimento este que se apresentou como um manifesto que rompeu os padrões literários amazonenses, porquanto buscava a liberdade tanto na expressividade quanto no anseio da erradicação da mediocridade estabelecida por padrões de opressões àqueles que imperavam na sociedade, o escritor

norteava através de suas aspirações, a busca de renovação da mentalidade social e cultural, bem como os dilemas e angústias humanos decorrentes do desgaste imposto por uma sociedade inquieta e insaciável, e acima de tudo capitalista.

A liberdade que se almeja no movimento do clube da madrugada é a inserção do contexto Amazônida na construção de uma literatura que aproxime a vivência e seus dilemas, constando a visão propriamente local e inserindo o homem, a angústia, o meio e a formação social estabelecida. O espirito de renovação é similar aquele que desencadeou o pensamento de liberdade e identidade social intitulado como Semana da Arte Moderna.

Erasmo Linhares, na obra *O Tocador de Charamela*, norteia uma análise sobre a formação econômica social de Manaus, permitindo ao público leitor um panorama dos dilemas inseridos na capital Amazonense em decorrência a modernidade. A condição degradante humana será um fator permanente em torno da obra, também a figura do indivíduo, ou "herói problemático", que se apresenta em contraposição ao sistema capitalista prepotente que o sucumbe.

5. A condição humana retratada no conto *O tocador de Charamela*

Zemaria Pinto em uma análise intitulada *O Conto no Amazonas*, afirma que a palavra "conto" tem origem no vocábulo latino *computus* – cálculo, cômputo –, derivado do verbo *computare*, que, com o passar do tempo, adquiriu o sentido de "enumerar detalhes", "contar detalhes" (PINTO, 2011, p.11). A partir do século XVI, passa a ter uma analogia ao significado de narrar. No século XVII o conto podia ser confundido com a novela e até mesmo com o próprio romance, devido a relação da composição linguística, e a aproximação da estrutura da formação da estrutura narrativa, obviamente que, uma narrativa menor e mais concisa, como o próprio termo "conto" já sugere.

Essa analogia pode ser compreendida nos aspectos que são inerentes às narrativas, principalmente as romanescas, que inclui umas descrições mais abrangentes do real. Como afirma Zemaria Pinto (2011):

> Tal como o romance, o conto pode ser classificado por assunto: de aventuras, psicológicos, de ideias, policial, de terror etc. Mas interessante é compreender como o conto se estrutura, dentro dos seus

> limites, observando-se duas vertentes: a do conto convencional e a do conto que podemos denominar arbitrariamente, de intimista. (p.12).

A partir do XIX, advindo do movimento romântico, o conto de fato se estabelece como uma narrativa resumida, e suas caraterísticas acomodam-se em poucas descrições, uso de poucos personagens. No intuito da objetividade, a narrativa busca levar o leitor ao ponto central, olhando sempre por um único ponto de vista que em sua maioria é estruturada por um narrador onisciente em primeira pessoa. (ZEMARIA, 2011).

A obra *O tocador de Charamelas* de Erasmo Linhares, é um livro de contos composto por 15 histórias muito bem "afinadas", esta afirmação se configura pela unidade estrutural do livro como um todo, por ser um panorama bem expressivo do cotidiano regional. Linhares não busca com este livro o apogeu literário, de modo que pudesse ser reconhecido pelo volume linguístico ou estético, mas, pela modéstia de expor com muita valia o homem e suas experiências de vida.

O Conto "O Tocador de Charamela" narra a história de um homem de classe baixa que reside na cidade de Manaus na época do pós-ciclo da borracha. Este período possibilita desencadear as ações desta narrativa devido ao crescimento populacional, da pobreza e da marginalidade que se instaura na capital em detrimento ao fim do histórico ciclo e a formação social que se estabelece a partir deste contexto.

Zacarias, o protagonista da narrativa, é um homem casado, sua esposa se chamava Joaninha, tinha filhos, cujos nomes não são citados no decorrer da narrativa. Morava na periferia de Manaus, tinha como trabalho a função de auxiliar de portaria, um cargo público de baixa remuneração. É uma figura típica do homem em conflito com a realidade capitalista, isso porque ele se vê na busca da subsistência familiar, uma vez que o baixo salário da função pública que exercia não era suficiente para manter as necessidades básicas do lar.

Além do trabalho de porteiro, Zacarias também toca em uma banda musical nas noites de sábado, aí entra de fato a *Charamela*[9], o inusitado instrumento de sopro que, no decorrer da narrativa, ultrapassa os limites de um simples instrumento musical e

---

[9] A Charamela é um instrumento musical de sopro originário da eurásia, sua estrutura é de madeia, possui uma palheta com uma cavidade para entrada de ar (sopros). A charamela produz um som agudo, que serve de acompanhamento em orquestra.

adquire proporções que influenciarão a vida do personagem no desenvolvimento e desfecho da narrativa.

A charamela foi um instrumento utilizado por toda uma geração da família Zacarias. “Era a única herdade que recebera do pai, que por sua vez a recebera do avô e este do bisavô e este de toda uma geração de músicos profissionais, cuja vocação fora declinando através de muitos anos até Zacarias [...]” (LINHARES, 1995, p.37). Zacarias nem poderia ser considerado amador comparado ao nível que tocava seus antepassados.

A charamela produzia um som agudo que deixava a vizinhança a ponto de enlouquecer, houve diversos momentos de desentendimentos, mesclado com xingamentos de todo tipo. A mulher de Zacarias por várias ocasiões saiu frenética em direção as casas vizinhas devido às brigas e rebatimentos, munida de palavrões como resposta as vizinhanças devido ao som do instrumento que o marido tocava.

Zacarias tocava na noite, e ganhava pouco com esta ocupação, na verdade mal dava para suprir seus vícios de bebidas. Passado um certo tempo, a banda na qual Zacarias tocava o dispensou das apresentações, devido ao som da charamela não harmonizar com as músicas regionais, o que aumentou ainda mais a frustração do tocador. É a partir daí que começa todo o dilema de Zacarias, visto que sua vida ficaria ainda mais problemática por não poder contar com o irrisório rendimento das noites de sábado. Sendo assim, Zacarias mergulha de vez em seus conflitos pessoais e põem-se a beber com mais frequência, passando agora a tocar nos fundo da Matriz.

A vida dele girava em torno de suprir suas necessidades básicas e poder contar com uma remuneração digna. Assim é possível justificar a classificação que fazemos deste personagem como um herói problemático em um mundo degradado, pois a dicotomia sociológica como causa da degradação do homem estão entre a repressão e a imposição do sistema capitalista, fatores estes decorrentes desde a falta de estrutura financeira, até mesmo a falta de oportunidade do indivíduo em pertencer, ou se inserir na classe dominante ou, por outro lado, a degradação deste homem seria motivada simplesmente por suas escolhas ou aceitação de sua miserável condição. Deste modo, o que se nota é que, independe de ser por um fator ou outro, o homem degradante terá sempre como justificativa uma sociedade condicionante para seu fracasso, como bem aponta Marisa Silva (2003) ao fazer uma análise sobre a crítica sociológica desta temática:

> [...] é um herói isolado, apartado do resto do mundo. Seu destino individual fruto de acasos, esforços e erros, é o que importa e comove o leitor. Nesse universo, o todo não é visível nem decifrável, e fica difícil de entender se há um papel a ser cumprido ou se tudo na vida não passa de mero acaso, sem nenhum sentido ou razão. (SILVA, 2003, p. 125).

Nos primeiros dias tocando no fundo da matriz, foi possível ganhar um valor razoável e apaziguar a ira da mulher que tanto reclamava devido o horário no qual ele chegava em casa. Logo Zacarias nota que a nova função possibilitava ganhar mais do que a do serviço público:

> Segunda-feira na repartição, com a cabeça desanuviada da ressaca que o fizera dormir todo o domingo apesar das brigas constantes da mulher e das estripulias dos meninos fez as contas e concluiu que tocando charamela todas as noites no fundo da matriz, ganharia o dobro de seu vencimento de auxiliar de portaria. (LINHARES, 1995, p.38).

Não demorou para Zacarias largar o serviço público, "[...] pois suas faltas constantes já lhe tinham produzidos duas repreensões, uma verbal e outra através de portaria fixada na parede para que todos pudessem ler sua vergonha." (LINHARES, 1995, p. 38-39). O protagonista tenta ascender na vida com a nova atuação, o que não ocorre, porquanto sua vida começa então a declinar devido a ingestão descontrolada da bebida alcoólica, agora não bebia somente aos sábados, e sim de segunda a sábado, só não bebia aos domingos, devido a esposa, que lhe impôs severas condições. Até que um dia ela pediu que ele escolhesse entre ela e aquela vida, ele optou pela segunda, e não voltou para casa.

> Inaugurado a nova vida, com o único remorso de abandonar os filhos, mas com o propósitos de mandar algum dinheiro por semana, alugou um covil no vasto cortiço que dominava todo o quarteirão entre a rua de Frei José Inocentinho e a avenida do Almirante, habitado por jesuítas, gigolôs e cafetina, cujas iras aplacava, vez e outra, pagando-lhe umas cervejas, até o dia em que não mais suportou aquela colmeia fervilhante que não parava noite e dia, dia e noite, com seu cheiro de mofo permanente e penetrante. (LINHARES, 1995, p.39).

É notória a degradação humana presente na narrativa de Erasmo Linhares, o núcleo da marginalização é formado por seres humanos esquecidos pela coletividade da média e alta sociedade, como bem nos retrata o narrador, como uma espécie de câmera que registra com precisão o apagamento da pessoa humana e acima de tudo o

aglomerado contingente formado por seres humanos vivendo na pobreza e na miséria, sem nenhuma assistência do governo, produto também da hostilidade social capitalista.

O homem degradado na obra *O Tocador de Charamelas* é um ser marginalizado e excluído do resto do mundo, ou seja, isolado, fadado a erros, vícios e vários fracassos, por isso é um herói problemático, sendo este o produto extraído de características do real para exemplificar e conduzir o leitor a comover-se com tal situação. Os esforços resultados em erros do protagonista são uma espécie de força motriz para culminar na sua degradação. É imprescindível notar que o produto degradado da sociedade é basicamente aquele indivíduo fruto dos golpes e deslizes da vida, condicionado por uma sociedade também degradada.

Zacarias é um homem degradante, à medida que passa o tempo, sua vida é sucumbida pelo aumento dos problemas e a aparência humana fica cada vez mais apagada por se afastar da continuação do processo cível, uma vez que ele mergulha na mais sombria e esquecida parte da sociedade marginalizada.

> Só então reconheci – Zacarias![...]
> Os cabelos estavam mais ralos e a barba de muito não fazer estava esfarinhada e suja e os bigodes de piaçava usada armavam uma cortina de palco mambembe, dilacerada nas colunas dos caninos amarelados. (LINHARES, 1995, p.37).

O homem é degradante diante de uma sociedade moderna e capitalista que o leva a uma natureza problemática, pois este não é mais completo, as coisas simples que traziam plenitude foram transformadas em mercadorias deixando-o em desilusão, é o que Lukács (2000) chama de “o vazio cultural do capitalismo”.

É possível visualizar o homem degradante na obra de Linhares quando é retratado o desequilíbrio emocional, evidenciando o subterfúgio por não acompanhar o processo da modernidade no que se refere ter a sustentabilidade financeira. O drama vivenciado pelo homem, motivada em detrimento dos objetivos não alcançados, acarretada por uma insatisfação e pela vontade de fuga.

O produto degradante surge quando a sociedade e suas oportunidades de emprego não sustentam a vida desejada por esse trabalhador, que muitas vezes se vê a mercê da alienação serviçal, não só isso, como também o desprestígio de não poder contar com uma remuneração digna, diante das contradições sociais da modernização conservadora, como bem falou Antônio Cândido:

> Gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida, espremida até virar bagaço [...]. E a dureza, a incrível dureza desse pequeno mundo sem dinheiro nem horizontes, cuja existência é uma rede simples e bruta de pequenas misérias, golpes miúdos e infinita cavilações (CANDIDO, 1992, p.36).

Sabemos que a literatura tem como uma de suas funções manifestar a realidade em diversos aspectos. Antônio Candido afirma que "a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre" (CANDIDO, 2000, p.19). Esse "produto social" é registrado por meio da literatura originando um resultado expressivo por nortear, muitas vezes em formato de denúncia, os problemas da coletividade que nem sempre é patente a visão de todos.

> Em cinco meses de ofício conhecia toda a malandragem da zona, as manhas e venetas de prostitutas e veados, fez-se amigo de mendigos [...]. Ali ferviam o café e coziam o peixe em latas enegrecidas pela fumaça do fogareiro e pela carência de uma lavagem meticulosa. (LINHARES, 1995, p.38-39).

O espaço é outro ponto importante a ser analisado, já que a degradação ocorre no momento contínuo do afastamento do modo de vida comum, para um lugar desmoralizado que causa ao indivíduo um estranho comportamento em decorrência do meio. O termo *degradação* predefine-se como: descida, apagamento e destruição, ou seja, só ocorrerá degradação num momento que se permite vislumbrar uma notória diferença entre o antes e o depois, isso tanto para o espaço quanto para o indivíduo. Zacarias antes tinha uma família, um emprego, um *rol* de amizades, e agora o que se nota é um declínio em todas as áreas, porque na rua aprendera todas as ociosidades da marginalidade e a aproximação de sua conduta é mais animalesca que humana.

Em um momento da narrativa, Zacarias teve que sair do quarto onde dormia devido ao aumento do aluguel, nesse instante o narrado mostra uma sombria faceta da conduta de Zacarias, efeito do meio que o cerca:

> Fugiu às quatro e quarenta e cinco e a única mágoa era perder o cálido excitante da menina que todas as manhãs vinha, nua, mijar no minúsculo alpendre da casinhola fronteira e exibir, a dois palmos de seu nariz, a tenra e fresca pérola do tamatiá repousada nos veludos da vitrine de cristais opacos. (LINHARES, 1995, p.39).

Observa-se que a obscuridade da marginalidade social fez do personagem Zacarias uma figura atípica da mazela citadina. Morando na rua, a situação degradante aumentou quando, em uma briga por um pedaço de cocal, Zacarias quebrou a charamela na cabeça do rival. Sem o instrumento que lhe possibilitava ganhar alguns trocados, o protagonista fica sem perspectiva: "Deu-se a partir daí preferência pelo álcool puro, mais barato. [...] Passou a beber mais ainda e a comer menos ainda, dormia noites e dias nos bancos e sob os bancos da praça". (LINHARES, 1995, p.39).

Zacarias tentou buscar uma "virada" em sua vida e acima de tudo sair desse dilema, foi quando planejou voltar ao antigo emprego e tentar uma reconciliação com a esposa. Após ser internado na Santa Casa de Misericórdia devido ao excesso de álcool viu que não havia outra saída senão tentar um recomeço, porém ao retornar a sua antiga casa: "[...] quando saltou do ônibus pela porta da frente a viu entrar pela porta de trás, com uma barriga que calculou ser de oito meses, e compreendeu que o plano falhara[...]. (LINHARES, 1995, p.39).

O destino do indivíduo, ou herói, problemático surge da soma destes transtornos e dilemas, e na busca pela oportunidade de um recomeço que sempre lhe é negado, levando-o a frustração, sendo assim, "o indivíduo problemático, inserido no mundo contingente, busca sentido que lhe falta, numa tentativa sempre frustrada de superar a má infinitude". (LUKACS, 2000, p. 104).

O dilema do personagem se acentua ao perceber que sua família havia tomado um novo destino, do qual ele também encontrava-se excluído, consequentemente este foi um fator chave para desprender-se do racionalismo e da sanidade humana e mergulhar de vez na degradação.

> No caminho do bar vislumbrou à distância as largas tábuas das caixas de embalagem da vizinha loja de eletrodomésticos e teve a idéia salvadora de construir uma bandurra e voltar às noitadas dos sábados de antigamente. [...] pois afinal teria um instrumento de corda e não seria posto de lado como antes [...].
> Bota mais álcool. (LINHARES, 1995, p.40-41).

Uma característica central a questão inerente ao herói problemático, muito presente, inclusive na narrativa de Linhares, são os conflitos, que além de apresentar questionamentos intensos, este herói vive um dilema decorrente a falta de controle de seu procedimento, como comprovado nas atitudes e procedimentos do personagem aqui analisado.

A condição humana degradante do personagem Zacarias, pauta-se na continuação do modo de vida precário desse indivíduo, ou seja, encerra-se o conto com um final “em aberto”, com a continuação degradante do herói problemático. O que se percebe nesta visão de mundo é que há um condicionamento imposto pelo sistema capitalista, que os leva (os homens) a tornarem contraditórios, tanto na sua essência como em sua conduta, em uma busca, na maioria das vezes frustrada, que desencadeia para um “ritmo” de vida em constante degradação.

Neste contexto, as aspirações pela busca da melhoria de vida torna-se uma luta não somente externa, quando todos conseguem ver a situação humilhante, entretanto a maior batalha é iniciada desde o primeiro momento em que se nota a mesquinhez do valor remuneratório. Deste modo, o que irá mediar, ou melhor, auxiliar na vivência do homem em meio ao capitalismo será o valor rentável, porém nem todos recebem o salário desejado, e é neste sentido que desencadeia a busca alucinante de manter-se instável financeiramente que, em contraposição, desencadeia a degradação de muitos, assim como o nosso “herói” Zacarias.

Conclusão

A literatura tem como uma de suas funções a representação do homem e a materialização de seus anseios admitidos na formação do ser enquanto participante de um determinado grupo social.

O personagem aqui analisado na obra de Erasmo Linhares constitui a representação de muitos indivíduos que compõe a nossa sociedade e que encontram-se à margem da mesma, vivendo a miséria e a degradação humana.

Zacarias representa a classe trabalhista da área pública, e nesse cargo que aparentemente é “digno” leva-o a uma insatisfação, ou seja, não se completa pelo baixo salário que recebe. É nessa concepção que se configura a narrativa, pois o ser humano procura em si a satisfação, o completo, no entanto essa ausência o leva a buscar outras alternativas de sobrevivência, alternativas estas que o leva cada vez mais ao encontro da marginalização, da decadência social e pessoal.

A imposição do sistema capitalista, fruto da modernidade e da “globalização” não permite que Zacarias e sua família vivam a plenitude almejada, ou seja, não garante ao menos a união familiar, considerando que o valor que ele recebe não é suficiente para

a subsistência da família, e é justamente em decorrência da busca de trabalhos complementares que culmina a separação conjugal, sendo esta mais um fator degradante na vida do personagem.

Deste modo, a literatura se compromete em cumprir não somente uma estética, mas fundamentar-se na matéria funcional ideológica, comprometida em apresentar uma leitura de mundo, possibilitando em muitas vezes ser notório a realidade, e é justamente esse olhar crítico que se faz perceber na narrativa de Erasmo Linhares.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CANDIDO, Antônio, **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. São Paulo: Editora 34, 1992.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**: tradução de Álvaro Cabral: Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Charamela> acesso em 15 de Outubro de 2014.

LINHARES, Erasmo do Amaral. **O tocador de charamela**. Manaus: UA, 1995.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

PINTO, Zemaria. **O conto no Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

SANTOS, Robson dos. **Escrita e Sociedade***:* estudos de sociologia da literatura. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.